

Uma Conversa sobre os Autismos e o Filme do MPASP

No dia 17 de setembro realizamos o encontro: “Uma Conversa sobre os Autismos” e a exibição do curta-metragem “O Silêncio que Fala”- de Mirian Chnaiderman e produzido pelo MPASP- seguido de um debate no Centro de Saúde de Pinheiros em São Paulo. Teve a coordenação e a fala da psicóloga e psicanalista Denise C. Cardellini e a fala da neurologista Dra Adriana A. Espíndola que trataram do tema a partir da experiência clínica institucional nessa unidade pública.

Estiveram presentes profissionais do C.S. das respectivas áreas: médica, enfermagem, psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, assistência social, auxiliares de enfermagem, atendentes e gestores da unidade.

Com o propósito de estabelecer uma inédita articulação com o Capsi da Lapa, convidamos o psiquiatra Wagner Raïna e a psicanalista Silvia Pechy para participarem desse debate. Também compareceram outros colegas psicanalistas, como a nossa colega do Departamento Ana Maria Leal.

A apresentação partiu do histórico do Autismo desde que Leo Kanner em 1943 descreveu o quadro clínico como da “Síndrome Autística do Contato Afetivo” e das mudanças nas perspectivas conceituais e clínicas. Foi ressaltado o avanço das pesquisas e estudos teórico-clínicos além da concepção neurobiológica com trabalhos que tratam da constituição do psiquismo, no referencial psicanalítico.

A Clínica com crianças no Centro de Saúde de Pinheiros com os referenciais da Saúde Mental e da Psicanálise atua através de um trabalho interdisciplinar(neurologista, psicóloga, fonoaudióloga e assistente social) com projetos terapêuticos singulares em atendimentos individuais e grupais. Atende crianças e suas famílias com diversas sintomatologias não sendo um serviço específico para casos de pessoas com autismo. Percebe-se um aumento dos casos com risco de autismo que estão sendo encaminhados pelas creches, escolas e por outros profissionais da unidade, o quê, torna-se uma questão sobre os diagnósticos atuais e os efeitos do DSM V. O trabalho intersetorial ocorre por meio das conexões com as escolas e se move também, pela busca por estratégias territoriais.

As vinhetas clínicas mostraram as diferentes manifestações clínicas do autismo quando temos dois meninos de 5 anos, onde um tinha uma linguagem com algumas palavras inteligíveis e hipersensibilidade aos ruídos, ao chegar na sala colocava as mãos nos ouvidos se escutava algum ruído, mas sentava na

cadeira para “brincar”. E o outro, tinha a linguagem ausente mas ao longo do atendimento foram surgindo palavras endereçadas à terapeuta, ele no início, às vezes, utilizava a mão da psicóloga para encontrar o objeto que queria alcançar. Mais agitado, se jogava no chão e batia nas paredes.

Outras questões foram apresentadas como: a complexidade etiológica, o cuidado do diagnóstico na infância, a neuroplasticidade do cérebro, e a importância da intervenção e detecção precoce.

A fala da neurologista teve sua fundamentação nos aspectos neurobiológicos e mesmo com o desenvolvimento de novas pesquisas e estudos do cérebro, não temos ainda hoje, um marcador biológico que possa ser considerado específico para o autismo. A avaliação neurológica consiste em algumas investigações neurofisiológicas ou por neuroimagem ou estudos citogenéticos, de acordo com os achados da história e exame. Algumas condições clínicas aparecem associadas a um quadro de autismo: Síndrome do X-frágil, esclerose tuberosa, rubeóla congênita e fenilcetonúria não tratada. E com relação à neuroquímica, ela mencionou que a elevação nos níveis de serotonina nas plaquetas é um achado consistente no autismo infantil. Quanto ao recurso da medicação para o autismo, é o último a ser pensado e concorda com a abordagem multidisciplinar para o tratamento, o mais precoce possível.

No debate, a questão do orgânico versus psíquico, gerou pontuações para a superação dessa dualidade, levando a discussão para os aspectos do tratamento e da inclusão social das pessoas com autismo. Nesse sentido, o filme enriqueceu o diálogo, pois aborda com os depoimentos dos pais a importância fundamental da intervenção precoce e a abertura da “janelinha” do sujeito para o mundo, com o tratamento e suporte familiar. Também foram discutidas as dificuldades dos pais para conseguirem manter seus filhos nas escolas regulares, mesmo quando tinha tutor, a criança não podia ficar todo o período.

Assim, os profissionais da saúde do C.S. de Pinheiros, tomaram conhecimento da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, do documento “Linha de Cuidado na Atenção Integral às pessoas com transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias no SUS” bem como do Movimento Psicanálise Autismo e Saúde Pública (MPASP). E perceberam que estão implicados nesse trabalho de acompanhamento do desenvolvimento psíquico e dos sinais de risco de crianças para o autismo.

Nesse encontro, a aproximação com os profissionais do CAPSi mostrou na discussão a fertilidade da parceria, e tem o desejo de que, a rede entre os serviços possa ser fortalecida e produtiva.

Se hoje, as pessoas com Síndrome de Down tem um lugar social, com maior reconhecimento de todos, esperamos que as pessoas com autismos nas suas singularidades, da mesma forma, tenham tratamento e circulação social.

Denise Maria Cardoso Cardellini -Psicanalista do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes e Psicóloga do Centro de Saúde de Pinheiros.

Movimento Psicanálise Autismo e Saúde Pública- MPASP 30/09/2015